

## A RESISTÊNCIA NEGRA: ANÚNCIOS DE FUGAS NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO

André José do Nascimento

Mestrando em História UNICAP

[andrejn2510@gmail.com](mailto:andrejn2510@gmail.com)

### Resumo

O Período Imperial foi marcado por conflitos que deixaram marcas profundas na História do Brasil. A população negra escravizada se opôs ao sistema escravista se utilizando de diversas estratégias. A resistência dos cativos teve presença marcantes nos jornais durante a primeira metade do século XIX. Para compreendermos a sociedade escravocrata da Província Pernambucana iremos utilizar jornal “Diário de Pernambuco” que surgiu em 1825, considerado um dos principais meios de comunicação da região Nordeste. Como fonte de pesquisa o periódico nos possibilitará compreender, em parte, a tessitura da cultura da população pernambucana. O objetivo desse artigo é refletir sobre alguns aspectos das fugas dos escravizados publicadas no “Diário de Pernambuco” no período de 1830 – 1839. Tendo em vista que essa era uma das principais formas de resistência dos cativos. Os senhores escravocratas utilizavam o jornal para informar a sociedade as escapadas dos negros, que desejavam viver livre. Os escravizados encontraram nas evasões uma maneira de resistir ao sistema escravista em que estavam inseridos. Durante a primeira metade do século XIX, o jornal ao divulgar as fugas dos escravizados traziam determinadas informações sobre o negro, o que possibilitava a sua captura, mas se utilizando do espaço público e da sociabilidade os de cor conseguiam se manter foragido por um determinado tempo. O acoitamento que era uma prática muito corrente na sociedade escravista do Recife, possibilitava aos foragidos impor a sua oposição ao modo de vida em que eram submetidos, para isso, se utilizavam das evasões que teria um dos principais destinos a cidade do Recife, capital pernambucana, um dos principais polos de comércio de escravos do Brasil Império. Como o “Diário de Pernambuco” era um dos periódicos de maior circulação da província, por ele que a sociedade ficava informada dos assuntos políticos e econômicos. Mas a população escrava foi presença marcante nos anúncios publicadas no dito jornal, principalmente as fugas. É através das escapadas dos escravizados que podemos compreender a luta dos negros pelo fim do cativeiro. Portanto, os jornais do século XIX, podem ser consideradas uma fonte de pesquisa que nos ajudar a entender as sociedades de uma determinada localidade e período.

**Palavras-chaves:** Escravidão. Luta. Liberdade.

O jornal “Diário de Pernambuco” foi criado em 1825 com o objetivo de comunicar ao público notícias do interesse dos diversos segmentos sociais pernambucanos, com publicações diárias, excerto aos domingos. Como o periódico surgiu no período em a que sociedade brasileira teria como a base do trabalho a mão de obra negra, levando-os a

viverem em um sistema escravocrata. Uma de suas propostas era justamente anunciar as fugas de escravos.

O seu primeiro editor, o senhor S. Florencio B<sup>1</sup>. responsável pela primeira edição do “Diario de Pernambuco” convidou as pessoas da sociedade fazer anúncios que levassem até a tipografia, com a assinatura do anunciante, que este seria publicado gratuitamente. O jornal era composto por quatro páginas, que traziam assuntos referente às disputas políticas, à economia, às viagens de autoridades, às denúncias de moradores do Recife.

Os anúncios de fugas geralmente vinham na última página do jornal. As publicações de evasões dos cativos poderiam variar, havia dias em que era divulgado apenas um, outros, dois a cinco, alguns com seis, nove, dez até catorze. A maior quantidade que encontramos foi na edição do dia 18 de setembro de 1837, quando foi anunciado a fuga de 13 cativos, ocupando quase toda última página do periódico. Por outro lado, haviam notícias de negros que se evadiram do cativoiro que ocupavam um espaço considerável no jornal, dependendo da estratégia de fuga.

Com proposta de atender às demandas de informações e comunicações o “Diario de Pernambuco” conseguiu atrair anunciantes e leitores que viam nesse novo meio, mais uma forma de se levar as notícias da Província de Pernambuco e do Império Brasileiro para a população pernambucana. Dessa forma, o jornal passa a ter importância entre parte da elite, além disso, foi um elemento fundamental na divulgação das fugas dos escravos em busca de liberdade.

O período que vai de 1830 – 1839, foi marcado por um grande fervor político no qual as disputas políticas, tomaram os espaços públicos. Os jornais foram de suma importância na divulgação das intrigas que envolvia uma parcela da elite pernambucana na disputa pelo poder, o que enfraquecia a vigilância perante a população negra (CAVALCANTI, 2015, p. 71 – 91). É neste contexto que se inseri este estudo, trazendo uma reflexão sobre a luta dos homens e mulheres escravizados o sistema que lhes suprimia a liberdade, tendo

---

<sup>1</sup> Na edição de nº 1, do dia 7 de novembro de 1825, o primeiro e o último nome do editor apresentam-se de forma abreviada.

como principal campo de estudo os anúncios de fugas publicados no “Diario de Pernambuco.

A resistência escrava ao cativo, nas últimas décadas, tem sido objeto de debates e estudos na historiografia brasileira, buscando desvenda os meandros da escravidão no Brasil. Os estudos de autores como Marcus de Carvalho, João José Reis, Flávio dos Santos Gomes, Sidney Chalhoub entre outros, tem demonstrado que os negros sempre lutaram por liberdade, para isso, promoviam revoltas, que alteravam o modo de vida em que tais sujeitos estavam inseridos.

Nesse processo de resistência à escravidão as fugas, foram constantes, as evasões dos cativos, que deixavam os locais de trabalho por diversos motivos, um deles era tenta viver em liberdade que poderia ser por um curto ou longo período (REIS, 2003, p. 1 – 19).

As fugas de escravos poderiam ter vários significados, como por exemplo, visita parentes, amigos, reconstruir os laços culturais, encontrar novos senhores, reencontrar senhores antigos (GOMES, 1996, p. 67 – 93). A historiografia ressalta que as fugas de escravos poderiam ter vários significados e estratégias. Flávio Gomes destaca algumas dessas possibilidades, visita amigos, a parentes, reconstruir os laços culturais, encontrar novos senhores, reencontrar senhores antigos. Na pesquisa encontrei alguns casos, um deles foi o do escravo Joaquim se encontrava foragido há quase quatros anos, foi capturado em 1830, levado a cadeia de Olinda.

A notícia de sua prisão chegou até o seu senhor que publicou um anúncio no “Diario de Pernambuco” destrinchando uma estratégia que possibilitou uma nova fuga do cativo. Que a mulher que o acoitava, sogra de Antonio Fernandes Chaves, enviou um emissário a casa do Juiz de Paz, para tenta recupera o cativo Joaquim afirmando ser sua dona. Mas a estratégia não deu certo e o escravizado empreendeu uma nova fuga, que foi anunciada no periódico, na tentativa de encontra-lo o seu senhor prometeu uma recompensa de 20 mil réis, acreditando que teria retornado a casa da sogra do Antonio Fernandes Chaves localizada no Janga. Portanto, o dono do negro Joaquim prometeu que iria agir com o rigor da lei contra a mulher, sogra e mais moradores da casa (Diario de Pernambuco, 1830).

O foragido Joaquim exercia os ofícios de canoeiro e pescador, o que poderia ter facilitado a sua permanência longe do cativo durante quase quatro anos, já que o cativo se encontrava fora do cativo durante todo um bom período, tendo empreendido a sua fuga por volta do ano de 1826. Como os canoieiros eram responsáveis pelo transporte de produtos e pessoas, conduzindo suas canoas por diversas localidades da província pernambucana, esses negros teriam contatos uns com outros, que em certos momentos formava as suas redes de solidariedade, ajudando membros do seu grupo como também outros cativos a fugirem. Para os senhores, os negros canoieiros eram uma ameaça constante, pois com sua mobilidade, através dos rios conseguiam ajuda diversos cativos a fugirem para locais distante, por isso, as autoridades mantinham uma forte vigilância sobre eles (CARVALHO, 2010, p. 37).

Os escravizados sabiam da sua importância para a manutenção da vida econômica dos seus algozes. Para manter os seus direitos que foram conquistados com muita luta os negros em muitas situações se utilizavam das fugas. Em algumas situações os cativos fugiam por período curto de tempo, esse mecanismo poderia ser considerado um caso de resistência que teria como um dos objetivos melhorar a condição de trabalho e vida ou outras questões que envolvia a convivência nas senzalas (REIS; SILVA, 2009, p. 62 – 66).

Esses anúncios de fugas reforça as ideias defendidas por Flávio dos Santos Gomes, que os cativos ao empreenderem tal estratégia, teria como um dos objetivos reencontrar antigos senhores. Que talvez com seus antigos senhores tivessem uma vida um pouco menos opressiva. Quando um escravizado resolvia deixar o seu local de trabalho, poderia estar reivindicando certos direitos, acordos, melhorias na relação senhor escravo. Os escravizados sabiam da sua importância para a manutenção da vida econômica dos seus algozes. Para manter os seus direitos que foram conquistados com muita luta os negros em muitas situações se utilizavam das fugas (REIS, 2003, p. 1–19). As fugas reivindicatórias não pretendiam romper definitivamente com o sistema, mas uma cartada, cujo o risco eram eminentes a sociedade escravista, uma das questões que estava em jogo era as condições de trabalho e vida (REIS; SILVA, 2009, 62 – 66).

As reivindicações feitas por muitos cativos esteve presente em vários momentos do cotidiano dos escravizados, que se utilizando desse mecanismo conseguiram adquirir certos “privilégios”, como o acúmulo de bens, objetos de trabalho, animais, joias entre outros (LIBBY; PAIVA, 2005, p. 48 – 49). Em muitas situações outros negros escravizados que optaram por deixar o cativo para viverem livres possivelmente não conseguiram obter. Contudo, alguns escravizados quando resolviam deixar o seu local de trabalho levavam os seus instrumentos de ofícios. A cativa Catharina que empreendeu a sua fuga em 30 de janeiro de 1832, levou consigo o tabuleiro de pão de ló, que todos os dias vendia pela passagem da Madalena (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1832). O negro Joze, que tinha como ofício carpinteiro e trabalhava de ferreiro, quando fugiu carregou com ele a sua ferramenta (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1833). Os instrumentos de trabalho que os cativos levaram de certa forma contribuía a conseguir recursos financeiros, pois com essas matérias poderiam exercer os seus ofícios em diversos locais da província pernambucana.

Os negros e negras que buscaram empreenderem a sua fuga, para viverem como se fosse livre, teriam que enfrentar as diversas dificuldades que poderiam encontrar dentro ou fora da cidade. Uma dessas dificuldades era justamente a vigilância das autoridades que na década 1830, se tornou mais vigorosa, mas quando as elites estavam envolvidas em conflitos, era nesses momentos que os cativos encontravam um afrouxamento das autoridades, planejavam as suas evasões, que na configuração social da escravidão teria uma certa relação com quebras de acordos, o excesso de castigos (LIBBY; PAIVA, 2005, p. 62 – 66).

Uma parte considerável dos escravos foragidos que foram divulgados no jornal “Diario de Pernambuco”, empreenderam suas fugas sozinhos. Um desses foi o negro Antonio, com 30 anos, bem preto, estatura regular, cheio, pouca barba, andar miúdo. No braço esquerdo junto ao ombro uma cicatriz de talho, e em ambas as nádegas uma malha branca, fugido a 15 meses do engenho Alto de João Felis freguesia de Sirinhaém. O local de sua entrega em caso de captura era no mesmo engenho ou no sítio da Piranga freguesia da Várzea Jeronimo Barreiros Rangel (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1830). Outro cativo que resolveu fugir sozinho foi o moleque Francisco, com idade de 14 anos, de

Nação Moçambique, com serra desde a testa até aponta do nariz, os apreendedores devem leva na rua da Crus nº 12 (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1831).

A imprensa pernambucana teve um papel fundamental na luta contra os rebeldes negros que foram sujeitos que impuseram uma forte resistência contra o cativo, que se refletia através das fugas. Para recupera o seu cativo os senhores de escravos se utilizaram de um dos jornais mais influente da Província pernambucana, o “Diario de Pernambuco” as escapadas anunciadas neste periódico é um reflexo das lutas travadas entre os donos de escravos e os negros que empreenderam as suas fugas. Um estudo pioneiro abordando essa temática foi o de Gilberto Freyre, que fez um levantamento nos principais jornais que circularam durante o século XIX, um deles foi o “Diario de Pernambuco”. Tendo como referência as divulgações sobre escravos, entre estes, as publicações de fugas dos cativos (FREYRE, 2012, p. 20).

O autor defende que a História do Brasil do século XIX, está nos anúncios de jornais, as observações feitas por Gilberto Freyre, nos possibilita compreender a importância dos jornais como uma fonte de pesquisa. Através dos dados levantados podemos perceber que o periódico em questão contém um quantitativo considerável de negros e negras que se evadiram dos seus respectivos cativos, demonstrando um constante embate entre os de cor e os brancos, detentores de escravos.

É neste contexto é que o jornal “Diario de Pernambuco” se inserir trazendo até os seus leitores informações sobre determinadas características dos escravos fugidos anunciados neste periódico. No mês de abril foi publicado que um casal de negro fugiu no dia 12 de março do ano de 1830, o negro de nome Joaquim e a mulher era Joaquina, o jornal trazia o seguinte anúncio:

Fugiu no dia 12 de março do corrente ano, um casal de escravo, os quais tem os signaes seguinte, o negro é de nação Angola, ladino, bem civilizado, de altura mediana, seco do corpo, calvo, tem pouca barba, tem cabelo por baixo do queixo, e nos peitos, tem as pernas finas e arquiadas, é careiro. Foi cativo de Joze Martins da Penha, chama-se Joaquina; a negra é crioula, baixa, cheia do corpo, foi cativa de Manoel Vicente Calado. Hoje é de Antonio da Silva Tiago. Os apreendedores levem a casa de Joze Gonçalves de Farias, morador nesta Praça na Rua do Rangel casa D. 16 ou de a Elias dos Santos da Silva, Sr.

do Engenho Sacramento, que serão bem recompensados. Desconfia-se que estão acoitados em algum engenho, sendo que estejam, desde já protestam os donos a usarem dos meios que lhe competem (Diário de Pernambuco, 1830).

Neste anúncio o negro Joaquim é apresentado como angolano, ladino, bem civilizado e com o ofício de carreiro. Essas informações demonstram que o escravizado teria vindo da África, em terras brasileira aprendeu a língua portuguesa, a religião e os serviços domésticos e do campo, isto diferenciava-o dos demais negros chegados da África (MOURA, 2013, p. 234), por isso que o anunciante vai se utiliza do termo bem civilizado, pois na visão do senhor o negro Joaquim já estava bem adaptado ao Brasil. Com o sua ocupação de carreiro, que teria como responsabilidade conduzir carro de boi, esse cativo poderia consegui trabalho em qualquer engenho. Esse é dos motivos que anunciante desconfia que o casal de escravo Joaquim e Joaquina estejam acoitados em alguns dos engenhos da região e promete agir com os meios que lhe competem.

No anúncio do dia 11 de junho de 1830, o negro Joaquim, com idade de 16 a 17 anos, ofício de alfaiate fugiu da corte do Rio de Janeiro para o Recife, supostamente em busca de reencontrar os seus parentes ou seu antigo senhor. A publicação traz também informações como características físicas que facilitaria a identificação do negro, por esses sinais pode ser conhecido, mesmo que mude de nome, ou negue a quem pertencer (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1830). Essas estratégias utilizada pelo negro Joaquim poderia dificultar a sua captura, mesmo o anunciante indicando as suas características físicas.

As disputas em que os senhores de engenhos estavam envolvidos implicava no fornecimento de homens e armas para lutarem em favor daquele grupo no qual estava inserido. Com isso, havia a possibilidade de o cativo evadir-se deixando para traz a vida de opressão, alguns desses foragidos passaram um bom tempo fora do seu local de trabalho, isto se torna evidente quando nos deparamos com alguns anúncios indicando que alguns negros se encontravam longe do cativo há anos. Como ocorreu com o negro Vicente, que na época teria 16 anos, resolveu evadissem do cativo em 1821. Esse negro foi preso pela Marinha, esteve na guerra de Montevideo, quando obteve baixa foi que o seu senhor foi informado (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1838).

Esse é um dos casos onde o escravizado se aproveitava das instabilidades da segurança imposta pelos senhores e das autoridades locais, que devido as agitações políticas envolvendo as elites, e que provavelmente o seu senhor estaria envolvido, abrindo brechas na fiscalização dos seus escravos que se configurou na fuga do cativo. O moleque Vicente estava desaparecido a 17 anos, para se manter livre o foragido certamente se utilizou de uma rede de solidariedade ligado ao seu conhecimento que obteve na Marinha.

Com a eminência da Confederação do Equador, as forças senhoriais estavam voltadas para o combate que poderia ocorrer naquele momento (CAVALCANTI, 2015, p. 71 – 91). É a partir da fragilidade da segurança de um desses locais que a Cativa Jeronina empreendeu a sua fuga em 1824, do engenho Cutunguba, o Padre Joaquim José de Oliveira, seu dono, alega que a cativa fugiu para Goiana (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1832). Neste caso, a negra poderia ter se embrenhado na mata do Catucá, um dos redutos dos que se evadiam do cativeiro (CARVALHO, 2010, p. 180 – 184).

O negro Xavier que no ano de 1824, resolveu fugir do sítio Cadeireiro, levando camisa e calça de algodão já suja. Com ofício de cozinheiro (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1830). O cativo evadiu-se da localidade em que residia o seu senhor, isto demonstra que os escravizados não estavam inertes em relação a luta contra o cativeiro, mas que se utilizavam das disputas políticas e conflitos para empreenderem as suas fugas (CAVALCANTI, 2015, p. 71 – 91). Outro escravo que permaneceu foragido durante um bom tempo foi Simão que empreendeu a sua fuga no ano de 1814 ((DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1836), período em que as disputas pelo poder estavam se intensificando. Esses negros assim como outros que empreenderam as suas fugas antes da década de 1830, permaneceram foragidos durante muitos anos. A documentação pesquisada traz alguns anúncios de escravizados que fugiram em décadas anteriores.

Esses cativos (ao empreenderem suas fugas), percebiam que em alguns momentos no contexto social da província as forças punitivas se encontrariam fragilizadas, com isso, evadiam-se do local de trabalho e conseguiram se manter livre durante um longo tempo. Isto poderia ocorrer devido a utilização do espaço da urbe ou da mata, que eram um dos destinos daqueles que se evadiram do cativeiro. Conseguindo dessa forma driblar a



vigilância imposta perante a população negra. Para que esses cativos permanecessem foragido era necessário que eles estivessem sendo ajudados por alguém, pois a vida de um negro na cidade não era fácil, precisava formar uma rede de sociabilidade, os cativos poderiam permanecer livres por um período ou conquistar a sua liberdade definitivamente dependendo das suas relações com outros que viviam na cidade (CARVALHO, 2010, p. 184).

Neste contexto, podemos concordar com Marcus de Carvalho, sem uma possível “aliança” ou acoitamento dentro do espaço urbano e na floresta, o negro que se evadiu do cativeiro não duraria muito tempo foragido. Para ludibriar a vigilância era preciso ter aliados e esses poderiam se mostrar de várias formas, como a prestação de serviços em troca de proteção e esconderijos. Isto se tornava um perigo já que alguns senhores ao publicarem as fugas de seus escravos, também anunciavam que iriam agir com o rigor da lei para punir aqueles que estivessem dando guarita a seus escravos.

A liberdade estava ligada a relação interpessoal entre os negros, comerciantes, viajantes, marinheiros entre outros. Nessa relação havia a possibilidade de uma possível melhoria de vida, considerando que cidades como o Recife, havia grandes chances de os escravizados “foragidos” encontrar apoio e conseguir a sua própria liberdade seja por um período ou definitivamente.

As relações dos negros nos centros urbanos traziam grandes preocupações as elites escravocratas durante o século XIX. O porto era o grande centro econômico do Recife, é neste ambiente que os negros teciam suas relações sociais. Os escravos que viviam na urbe nesse período foram agentes de sua própria história, mas não agiram isolados e, apesar da relação escravo-senhor ter sido marcante em suas vidas, havia um outro conjunto de situações e de contextos relacionais nos quais estavam inseridos, e sobre as quais também atuavam como sujeito histórico (CARVALHO, 2010. p. 11).

Com a expansão do espaço urbano, os negros encontravam refúgios em várias regiões da capital pernambucana, não precisando ir muito longe, pois mesmo as autoridades impondo sua vigilância as chances de um escravo permanecer fora do cativeiro era relativamente grande, se levarmos em considerações os aspectos geográficos da cidade e os conflitos que durante a década de 1830 ocorreram com uma certa frequência. Neste

contexto, os negros se tornavam uma ameaça para as elites. Quando um escravizado empreendia a sua fuga era um sinal de que havia um afrouxamento das autoridades, mas por outro lado, as estratégias e as articulações entre os de cor contra a sociedade escravista demonstravam que os escravizados traçavam os seus planos na tentativa de deixar o cativo.

Os pontos de encontro de divertimento dessa população era os batuques, as tabernas, locais com uma constante vigilância pois o medo de um levante negro esteve presente na sociedade escravista (SANTOS, 2008, p. 94 – 115). O contato entre a população negra atraía a atenção das autoridades por que eram nessas localidades que havia a possibilidades dos de cor promoverem suas rebeldias perante o sistema escravocrata e as fugas era uma delas. Como a negra Thereza, de Nação Benguela, que se encontrava foragida, o seu senhor tinha informações que a escrava andar nesta praça (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1830). As notícias sobre os escravos foragidos trazidas pelo “Diario de Pernambuco” se utilizava do termo praça para destaca que o mesmo estava na cidade, só que em local indefinido.

Esse fato nos remete a uma das estratégias utilizada pelos cativos, pois como o Recife era uma das cidades mais populosas do Império brasileiro, com suas ruas, becos, praças e matas, a negra poderia estar em qualquer um desses lugares, pois a circulação do foragido pelo espaço urbano dificultava a sua captura. O cativo Joze da Costa foi visto em várias partes da cidade como relatou o anunciante:

Joze da Costa, nação Mina, bem preto, alto magro, com talho no rosto, desdentado, é boleiro, e pode ser que se tenha empregado a corta capim para as partes da Magdalena, ou Beberibe, estacionando-se a noite na Praça da Boa Vista, ou que ande vagabundando a fazer chapéus na forma do seu costume, e ausentou-se a 2 do corrente; Os apreendedores levem a seu Snr. Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto, na rua da Laranjeira D. 9, que serão bem recompensados (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1830).

Neste processo de fugas e crescente chegada de negros no Recife, que por sua vez era o local por onde chegavam também algumas informações de outras Províncias e de várias partes do mundo, dessa forma criava-se um cenário de intenso contato entre os foragidos e os libertos. A elite pernambucana, diante desses fatos passou a ter um papel

fundamental no controle urbano, essa preocupação estava baseada no medo da “haitianização (CARVALHO, 2010, p. 139 – 140).

Outro fator que contribuirá para as fugas dos escravos são as questões econômicas na província de Pernambuco. Paulo Henrique Fontes Caderna ao analisar a sociedade local, demonstrando que as vendas, compras e empenhos dos seus bens entre eles os escravos e as disputas da elite pelo poder tinham grandes influências na vida dos escravos que emprendia a sua fuga para retorna a seu antigo senhor ou parente do mesmo. Foi o que ocorreu o escravo Joaquim que por ter uma suposta insatisfação com o seu novo senhor, evadiu-se da residência do seu novo dono. A cativa Thereza, com 38 de idade, Nação Angola, foi penhorada pelo Coronel Manoel Correia de Araújo, sendo arrematada por Guilherme Patrício Bezerra, que a vendeu a José Maurício de Oliveira Maciel. A negra resolveu fugir da casa e segundo o anunciante, consta andar pela freguesia do Limoeiro e talvez tenha procurada a companhia de Antonio Ferreira Coimbra (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1833).

O “Diario de Pernambuco” conseguiu cumprir um papel social muito significativo na sociedade escravocrata do Recife. Muitos senhores, se utilizaram desse periódico para divulgarem as fugas dos seus cativos, com objetivo de capturá-lo. Por outro lado, as evasões de negros e negras que foram publicados, vêm contribuir com os estudos sobre a escravidão, demonstrando que os de cor sempre lutaram pela sua liberdade, que neste caso, teria como um dos seus principais mecanismo de resistência, justamente a fuga, que durante o século XIX, esteve presente nos principais jornais que circulavam pelas cidades do Império brasileiro, são estes anúncios que nos ajudam a compreender o cotidiano de determinadas sociedades.

### **Fontes**

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 7 de nov. de 1825. n.º 1

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 9 de jun. de 1830. n.º 401.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 14 de jun. de 1830. n.º 404.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 16 de ago. de 1830. n.º 453.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 9 de fev. de 1832. n.º 307.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 21 de jan. de 1833. n.º 021.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 31 de mar. de 1831. n.º 070.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 2 de maio. de 1831. n.º 094.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 26 de abr. 1830. n.º368

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 11 de jun. de 1830. n.º402.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 2 de ago. de 1838. n.º 166.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 2 de ago. de 1838. n.º 166.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 22 de fev. de 1832. n.º 318.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 25 de ago. de 1830. n.º 461.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 17 de out. de 1836. n.º 225.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 16 de ago. de 1830. n.º 453.

HEMEROTETCA DIGITAL. **Diario de Pernambuco**, Recife, 31 de mar. de 1833. n.º 070.

### **Referência Bibliográfica**

CADENA, Paulo Henrique Fontes. **Ou há de ser Cavalcanti, ou há de ser Cavalgado:** trajetórias políticas dos Cavalcanti de Albuquerque (Pernambuco, 1801 – 1844). Dissertação de Mestrado. UFPE, 2011.

CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. **Liberdade:** rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822 – 1850. 2 ed. Recife: editora Universitária UFPE, 2010.

FERRER, Ada. **A sociedade escravista cubana e a Revolução haitiana.** Almanack, Guarulhos. n°03. 1º semestre de 2012. p. 37 – 53.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX.** São Paulo: Global, 2012.

GOMES, Flavio dos Santos. **Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista.** Revista Tempo: Rio de Janeiro, 1996, v. 1, p. 67-93.

Junior, Manoel Nunes Cavalcanti. **O herói da Confederação do Equador volta do exílio: Manoel de Carvalho Paes de e as lutas políticas regenciais (Pernambuco, 1831 – 1835).** SACULUM – Revista de História n. 33, p. 71 – 91, João Pessoa: julho/dezembro de 2015. Disponível em <[www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/27715](http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/27715)> Acesso em 10 de jan. 2018.

LIBBY, Cole Douglas; PAIVA, Eduardo França. **A escravidão no Brasil:** relações sociais, acordos e conflitos. São Paulo: Moderna, 2005.

MOURA, Clóvis. **Dicionário da Escravidão Negra no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2013.

REIS, João José. **“Nos achamos em campo tratar da liberdade”:** a resistência escrava no Brasil oitocentista. Projeto Raça, Desenvolvimento e Desigualdade Social, 2003. p. 1 – 19.

REIS, João José; SILVA Eduardo. **Negociação e Conflito:** a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTOS, Lídia Rafaela Nascimento dos. **Justiça, controle social e escravidão em meados do século XIX.** Documentação e Memória/TJPE, Recife, 2008. p. 94 – 115.

SILVA, Wellington Barbosa da. **Burlando a Vigilância:** repressão policial e resistência negra no Recife do século XIX (1830 – 1850). Revista África e Africanidades – ano I – n. 1, maio de 2008.